



editorial

praça elis regina





em torno do Olho da rua

Aline Novais de Almeida¹
Ana Carolina Sá Teles²
Marcos de Campos Visnadi³

“Limito-me a humildemente – mas sem fazer estardalhaços de minha humildade que já não seria humilde – limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela.”

Clarice Lispector, *A hora da estrela*

“Fiz o café e fui carregar água. Olhei o céu, a estrela Dalva já estava no céu. Como é horrível pisar na lama. As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários.”

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*

“É como se a cidade fosse um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras e frases.”

Raquel Rolnik, *O que é cidade*

¹ Universidade de São Paulo (USP); CNPq. E-mail para contato: alinenovas@gmail.com.

² Universidade de São Paulo (USP); FAPESP. E-mail para contato: anacarolinateles2009@gmail.com.

³ Universidade de São Paulo (USP); Capes. E-mail para contato: marcosvisnadi@gmail.com.

O número 9 da *Opiniões: Revista dos Alunos de Literatura Brasileira*, com o dossiê temático “Literatura & Cidade”, é lançado em dezembro de 2016 com várias novidades. Diferentemente das edições anteriores, a publicação foi pensada para o *software* colaborativo OJS (Open Journal Systems), visando à maior circulação dos textos e à consolidação do processo editorial. Trata-se do primeiro número publicado com o novo formato. Por isso, nossa ideia se alinhou a uma diagramação simples, que facilitasse a leitura e diminuísse os custos da editoração.

Lembramos, inclusive, que a simplificação do formato ocorre num momento de grande crise política e econômica no país, com cortes significativos no orçamento da Educação, além daqueles que atingem especificamente o ensino superior e a pós-graduação. Essas perdas nos atingem diretamente, pois na perspectiva de pós-graduandos observamos, por exemplo, o atraso recorrente de bolsas de mestrado e doutorado, a diminuição de auxílios para a pesquisa, e a redução ou o cancelamento de editais de bolsas de diversas modalidades. Desse modo, as mudanças no corpo da revista não são apenas voluntárias, mas em parte compulsórias. Deixamos aos leitores e à comunidade acadêmica a avaliação desse novo suporte; permanecemos abertos ao diálogo, conforme o espírito de aprendizagem que é característico do exercício colaborativo que os estudantes do Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo têm concretizado.

Assim, mesmo na adversidade (e apesar dela), a *Opiniões* tem se articulado como um grupo de estudantes que se reúne por meio da amizade, tendo como objetivo a discussão de ideias, a prática da vida literária e, claro, uma publicação acadêmica na área de Literatura Brasileira. Talvez, justamente por estarmos enfrentando essas dificuldades é que se torne mais interessante e urgente o viver junto, para superar os obstáculos de uma universidade que, assim como a cidade, é toda feita contra parte significativa das pessoas que a compõem. Na própria Universidade de São Paulo, podemos nos lembrar dos funcionários terceirizados, cujo trabalho é cada vez mais precarizado e que sustenta o dia a dia das pesquisas, aulas e atividades de extensão, e da população da São Remo, comunidade cuja fronteira precária com a USP exemplifica os dramas causados pela desigualdade nas cidades em que vivemos.

Nos últimos anos, a cidade tem estado no centro das atenções e das disputas políticas no Brasil. As ruas são hoje um dos principais espaços de discussão não apenas de temas ligados à vida urbana cotidiana, mas de questões mais profundas e perenes – como as violências estruturantes da sociedade e da formação do Brasil, e também a resistência a elas. Bandeiras LGBT e feministas, cigarros de maconha, bonecos infláveis de figuras políticas, patos gigantes, camisas da seleção de futebol, coquetéis molotov e balas de borracha se juntam à tradição de festas populares de rua, pagãs e religiosas, numa mistura ideológica típica dos dias que correm. Como observa nossa entrevistada deste número, a professora Sophia Beal, da Universidade de Minnesota (Estados Unidos), junho de 2013 foi um momento simbólico destes últimos tempos, nos quais a rua explícita, para os holofotes da mídia, a violência policial antes restrita aos becos periféricos, mas também serve de palco para que outros discursos, antes marginalizados, ocupem o centro do debate nacional.

Os dezesseis artigos que compõem o dossiê entram na cidade por suas próprias vias. Entre *flâneurs* e monumentos, meio bossa nova e *rock’n’roll*, estudantes de graduação e pós-graduação enviaram suas leituras de obras de Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Fonseca, João Antônio, Renato Russo, Evandro Affonso Ferreira, Milton Hatoum, Chico Buarque, entre outros, buscando uma convergência com temas do urbanismo e da arquitetura para encontrar, na literatura, uma forma particular de representar, imaginar, lembrar e esquecer a cidade. Os espaços, assim, aparecem ressignificados pela fresta de um atlas invisível, e Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Salvador se tornam camadas de discurso sedimentadas sobre os territórios que lhes dão nome. Esperamos que esse conjunto de textos sirva para que leitoras e leitores abram seus próprios caminhos, ergam e derrubem suas próprias estruturas ou, pelo menos, possam passear um pouco.

Não podemos deixar de notar, no entanto, uma quase onipresença de obras literárias escritas por homens brancos como objeto de reflexão dos artigos aqui publicados. Embora isso não seja um demérito para esses textos, sem dúvida é um sintoma das violências estruturais do Brasil, para as quais a universidade exerce com frequência um papel de conservação, e não de ruptura. Portanto, o conjunto dos textos que chegaram à nossa revista e que foram aceitos no processo de avaliação duplo-cego é representativo não propriamente do Brasil, mas especificamente da universidade brasileira. Inferimos que os gritos diversos que têm ecoado pelas ruas ainda não ultrapassaram, ou ao menos não derrubaram completamente, os muros da universidade. Será que podemos, nós, da comunidade acadêmica, mudar essa configuração, independentemente das políticas estatais de manutenção da exclusão social e de aquecimento do imaginário?

*

A *Opiniões* 9 foi diagramada por Débora De Maio e ilustrada por Marcio Távora, que gentilmente cedeu as fotos que você encontra ao longo da revista. Agradecemos ao André Serradas, do Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI USP), pelo apoio logístico para a migração do periódico para o Portal de Revistas da USP. Somos gratas também a Vitor Nico Araújo que, em uma das reuniões da revista, sugeriu o tema deste dossiê.

Nesta edição, além do dossiê "Literatura & Cidade", que compreende os artigos assinados por João Vitor Rodrigues Alencar, Júlia Nunes Azzi, Kaio Carvalho Carmona, Amanda Borges Almeida da Fonseca, Luís Otávio Hott, Lohanna Machado, Carolina Pina Rodrigues Maciel, Elizabeth da Silva Mendonça, Renan Nuernberger, Elisângela Maria Ozório, Claudia Maria de Serrão Pereira, Davidson de Oliveira Rodrigues, Adriana Kerchner da Silva, Luciéle Bernardi de Souza, Milena Guimarães Andrade Tanure e Thales de Barros Teixeira, publicamos o texto de Henrique Balbi sobre narração nas crônicas de Fernando Sabino e Rubem Braga, submetido à seção de fluxo contínuo.

A entrevista com a professora Sophia Beal, da Universidade de Minnesota, cujo livro *Brazil Under Construction – Fiction and Public Works* aborda as relações entre obras públicas e literárias, foi realizada por Aline Novais de Almeida, Juliana Caldas e Larissa Satico Ribeiro Higa, que também é autora da resenha do livro de Beal no prelo para edição brasileira.

O periódico compila na seção "Criação Literária" contos e poemas inéditos de Lucas Zapparoli de Agustini, Ana Amália Alves, Victor de Melo Lago, Thiago Viana Leite, Gustavo Di Donato Matheus, Elson de Oliveira, Loildo Teodoro Roseira e Maria Scarte.

Neste número, intitulamos as seções da revista fazendo referência a logradouros do Brasil que homenageiam personalidades femininas das artes. Enquanto fazíamos a pesquisa desses locais, enfrentamos uma certa dificuldade, especialmente no que diz respeito a vias principais que tivessem nome de mulheres. Esse simples gesto se relaciona, por exemplo, à constatação presente no artigo de Susanna Rustin de que ainda em nenhum lugar do mundo uma cidade tenha sido concebida ou construída de acordo com o planejamento urbano desejado por mulheres arquitetas e da área de construção; e de que em nenhum lugar do mundo mulheres ou outras pessoas que compartilham dos objetivos inclusivos de gênero têm poder político ou acesso ao capital necessário que um projeto de renovação urbana desse tipo requereria.⁴

São Paulo, 13 dezembro de 2016